

David Cronenberg, *Videodrome*
(1983)

David Cronenberg, *Eastern Promises*
(2007)

Jean-Paul Sartre (2003) *A Náusea*, Porto: Público Comunicação Social, 56 (itálico do autor)

“Para o acontecimento mais banal se tornar uma aventura, é preciso, e é bastante, que nos ponhamos a *contá-lo*. É o que engana as pessoas: um homem é sempre um narrador de histórias: vive cercado das suas histórias e das de outrem, vê tudo quanto lhe sucede através delas; e procura viver a sua vida como se estivesse a *contá-la*.”

Fernando Pessoa (1982) *Livro do desassossego*, por Bernardo Soares. Vol. 1. Lisboa: Ática, 177

“Sim, amanhã, ou quando o Destino disser, terá fim o que fingiu em mim que fui eu.”

David Cronenberg Cit. in “Dossier David Cronenberg”, *Positif*, nº 501: Novembro de 2002, 83 (tradução minha do francês)

« O ser humano necessita de uma vontade excepcional para manter uma constância através do tempo. Eu também li Schopenhauer e Heidegger, segundo os quais o tempo é a resposta para a questão do ser. Aquilo que nos diferencia de um pássaro ou de uma flor, é a nossa consciência de existir no tempo. Eu pensei em tudo isto enquanto preparava o filme. (...) Ler filosofia fez nascer imagens em mim, ideias para diálogos ou cenas. Parece-me normal o cinema ser filosofia. A imagem reenvia à ideia e, segundo Schopenhauer, o mundo é vontade e representação. »

D. W. Griffith:

- *The Restoration* (1909)
- *A Drunkard's Reformation*
(1909)

David Cronenberg Cit. in “Dossier David Cronenberg”, *Positif*, nº 501, Novembro de 2002: 82 (tradução minha do francês)

“No argumento que recebi, ele [Spider] escrevia o seu diário e escutávamos em voz-off o que ele escrevia. Eram capítulos do livro transpostos de forma tradicional. Eu disse ao Patrick [MacGrath] que existiam dois Spider diferentes. O Spider que eu via no resto do argumento não podia nem escrever nem falar como o Spider do livro. (...) Eu sempre quis que Spider escrevesse o seu diário, mas na sua linguagem particular e sob a forma de hieróglifos. Mesmo se a voz-off pudesse ter uma verdadeira função como em *Sunset Boulevard* [Billy Wilder, 1950], a maior parte das vezes é um procedimento tradicional e um escape para o argumentista que não sabe criar qualquer coisa de cinematográfico.”

Ralph Fiennes *Apud* Kevin Jackson, “Odd man out”, *Sight & Sound*, nº 1, Janeiro de 2003: 14-15.

“(...) every moment and everything has a life or is a possible threat to him [Spider] – even the handles on the cupboard doors. I’m told that for schizophrenics the turning of a handle can be a huge decision because there might be some threat behind it. So I just imagined that everything – the lights in the room, the sound of the air conditioning - contained unknown things that were possibly dangerous.”

David Cronenberg Cit. *in* Kevin Jackson, “Odd man out”, *Sight & Sound*, n° 1, Janeiro de 2003: 12

“(...) and it wasn’t until I was editing the movie that I thought, my God, this is the archetype of an artist, the nightmare version of an artist mumbling to himself incoherently in the streets and writing passionately and obsessively and with great attention to detail in a language that’s incomprehensible to anybody else and maybe even to himself.”

David Cronenberg *Apud* Luís Miguel Oliveira; Maria João Madeira, ed. Lit., *David Cronenberg, a expressão nua*, Lisboa, 2006: 16

“(...) toda a gente é um cientista maluco e a vida é o seu laboratório. Todos fazemos experiências para tentar encontrar uma forma de viver, de resolver problemas, de evitar a loucura e o caos. Assim, para mim, nos meus filmes essas personagens representam as pessoas em geral, que de algum modo têm que compreender o que fazem, compreender a sua importância, qual a sua relação com a sociedade, como usar a sua energia criativa e como lidar com a destrutiva.”

David Cronenberg, *Naked Lunch* (1991)

Stanley Kubrick, *The Shining* (1980)

Frank Miller e Harry B. Parkinson,
Dicken's London (1924)

David Cronenberg, *A Dangerous*
***Method* (2011)**

David Cronenberg, *The Dead Zone*
(1983)

Das Unheimliche

“o estranho inquietante”

Sigmund Freud, “O estranho” *In* Luiz Alberto Hanns (1996), *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora: 304

“(…) um estranho [*unheimlich*] efeito se apresenta quando se extingue a distinção entre imaginação e realidade, como quando algo que até então considerávamos imaginário surge diante de nós como realidade.”

David Cronenberg Apud Kevin Jackson, “Odd man out”, *Sight & Sound*, n° 1, Janeiro de 2003: 15

“Spider, c’est moi – I can easily see myself becoming Spider, whether because of a medical problem or a financial problem or an emotional trauma. It isn’t an abstract feeling but a strong, visceral feeling that I can connect with this creature. (...) When you say this some people think you’re being cute, they don’t believe you for a minute. But there was a French journalist, and I said to him, ‘I’m Spider’, and he said, ‘Well, who isn’t?’”

Ralph Fiennes Cit. in Kevin Jackson, “Odd man out”, *Sight & Sound*, n° 1, Janeiro de 2003: 14 e15.

“I’m not the kind of actor who’s in character 24 hours a day, but I remember being very affected by how the clothes felt. Having no language, it became about the sensation of being Spider, and maybe that made me more concentrated on the state of being than I’ve been before. Sometimes I think you just assume the dialogue contains the information for the character. With Shakespeare everything is in the language, and if you start to do too much stuff aside from the language it stops working. Here it’s the opposite.”

Florian Zeller, *O pai* (2020)

Luís Filipe Rocha, *Adeus, pai*
(1996)

Roman Polanski, *D'après une*
***histoire vraie* (2017)**

Todd Phillips, *Joker* (2019)

David Cronenberg *Apud* Philippe Rouyer, Dir. Lit., “Dossier David Cronenberg”, *Positif*, nº 501, Novembro de 2002: 83. Tradução minha do francês.

«Estamos perante o dilema freudiano clássico. O pequeno rapaz reage à sexualidade da mãe e do pai. Ele sente ciúmes porque se sente atraído sexualmente pela mãe e deseja matar o pai. É o complexo de Édipo tradicional. Depois é-nos revelado que ele poderá ter morto a mãe, e não o pai. Enfim, há um outro final possível: a sua mãe suicidou-se e ele sentiu-se culpado porque desejava a sua morte. Mas nunca saberemos se estes não são simples fantasmas. Dito de outra maneira, não há nenhuma certeza quanto à realidade das coisas, simplesmente realidades possíveis. »

David Cronenberg, *The Brood* (1979)

“Thirty seconds after we were born, we have a past, sixty seconds after we start to lie to ourselves about it.”

Luis Buñuel, *El ángel exterminador*
(1962)

David Cronenberg Cit. in Maurie Alioff “Double identity: David Cronenberg’s *A history of violence*”, *Take-one*, Setembro / Dezembro de 2005

“(...) hoping that by acknowledging them, you will keep them out of your life. If you don’t acknowledge them, they say, ‘You don’t acknowledge me. I’m going to make my presence known.’ There’s a little bit of that in the process, I think, of dealing with things that are scary and inevitable. You are gaining a little bit of control over them by creating them yourself.”